

# ESTE É UM PAÍS QUE VAI PRA FRENTE

## PROLOGO

*Um homem nos seus vinte e cinco anos, mulato, sentado em algum lugar no meio do nada bebendo cerveja. Depois de um tempo com o olhar perdido na mesa, ele encara diferentes pessoas do público enquanto fala.*

**SOBRINHO** - Eu sou a escória do mundo. E eu também sou a escória desta peça. Eu não tenho nome, aliás, ninguém tem por aqui. Vocês vão achar que os outros três caras que vão aparecer aqui em cima hoje são mais importantes do que eu sou. *(Esboça um sorriso.)* Mas vocês estão muito enganados. Eu sou tão importante quanto eles. Ou até mais...Eu não sei fotografar, nem sou pai-de-santo e não tenho a mínima ideia da diferença entre a suíte Peer Gynt e a Habanera da Carmen. Mas eu sei viver, coisa que passa longe daqueles três troux...quer dizer, dois, *(formal)* porque eu tenho muito respeito pelo meu tio, afinal eu vou herdar a barbearia. *(Malandro)* Bah, uma barbearia tri maneira, quatro cadeiras estofadinhas, a minha, é, eu tenho uma só pra mim, ahá! A minha tem a bandeira do colorado, porque o vermelho é a minha cor do coração, é a cor do coração. *(Sem graça)* Mas pelo jeito todo mundo aqui curte muito o vermelho. Meu tio porque é espanhol, o outro véio porque é comunista, até onde eu entendi e a bichinha porque...ah, sei lá. Pois é. ele devia gostar de rosa, porque vermelho é cor de espada...*(Bebe a cerveja)* Ah, muito bom. Eles não sabem o que é bom. Não sei se vocês já sabem, mas eu tô morto, só que eu ainda não sei *(abre um sorriso)* por isso que eu tô assim alegrão. Pra mim é só por uma ceva do meu lado que eu tô bem. Não sou um cara exigente. Mas eu morri. Sempre tem um que morre, não adianta. Tomara que ninguém conte pro meu tio, senão ele capota junto. *(Em tom de confissão)* É que o velho tem um filho, viado também *(surpreso para o público)* nossa, quanta boneca por aqui! E esse meu primo não quer nem saber da barbearia e acabou sobrando pra mim. Eu também não era muito a fim, mas é trabalho manso, só ficar cortando o cabelinho, fazendo a barbinha *(ri visivelmente bêbado)* eu até gosto de misturar aquele creme branco *(ri)*. Mas agora é tarde demais. *(Fica sério e pensativo.)* Eu sou a escória do mundo. A barbearia não vai ficar pra mim. Eu nunca vou ter um nome. Se eu fosse por um nome na barbearia eu poria barbearia Brasil. Acho um nome tri imponente. Então já que não tem mais barbearia, o nome fica comigo. Vocês podem me chamar de Brasil.

## ATO 1

*Uma barbearia. Andar térreo com acesso direto à rua. Prédio do início do século vinte. Quatro cadeiras tradicionais de barbeiro visíveis ao público. Um grande retrato de mulher. Um brasão de família. Uma estátua de santo (equivalente de Xangô) distoando da decoração sóbria.*

*Cada cadeira possui uma superfície ao lado com material de barbeiro.*

*A cadeira na frente à esquerda. Arrumada para receber o primeiro cliente do dia. Material todo organizado. Um pano vermelho sobre a cadeira. Uma navalha aberta de pé dentro de um recipiente transparente.*

*A cadeira ao fundo à esquerda. Nenhum material. Desocupada.*

*A cadeira ao fundo à direita. Virada para a cadeira na frente à direita. O material desorganizado e incompleto sobre uma bandeira do time do Internacional. Um copinho sujo de café do dia anterior. Uma revista em quadrinhos aberta sobre a cadeira.*

*A cadeira na frente à direita. Uma fotografia antiga com dois adultos e um rapazinho. Material todo organizado. Uma cabeça de touro empalhada em frente da cadeira.*

*Dois homens por volta dos sessenta anos. Um está sentado na cadeira na frente à direita lendo o jornal. Usa óculos e tem dificuldade para ler.*

*O outro está de pé apoiado na cadeira da frente à esquerda, examinando fotografias. Sem óculos. Alterna o olhar entre as fotos e o outro homem. Quando enche o peito de ar para dizer alguma coisa, o outro dobra o jornal, se levanta da cadeira, liga o rádio e começa a arrumar as suas coisas. No rádio, a marcha fúnebre de Chopin. O homem sem óculos vai para uma sala contígua à barbearia. O homem com óculos topa com o retrato dos homens e do rapazinho e fica contemplando-o. O outro volta com uma cuia de chimarrão, arrumando a bomba. Desacelera o passo ao se aproximar do outro. O homem sem óculos percebe a chegada do outro e se constrange. Ele alcança a cuia de chimarrão. O homem com óculos pega.*

**AMIGO** - Tem café passado também.

**DONO DA BARBEARIA** - Falando em café, olha só o estado disso aqui. (Erguendo o copo de café sujo).

**AMIGO** - Eu não queria tocar nesse assunto de novo, mas já que tu começou...

**DONO DA BARBEARIA** - (Arrumando o material desorganizado da cadeira ao fundo à esquerda.) Dia de feriado sempre diminui o movimento, e além disso, todo mundo deve estar aproveitando esse sol da manhã. Tarde de Finados sempre chove.

**AMIGO** - (Sem jeito) Não é disso que eu tô falando.

(O Dono da Barbearia para a arrumação com o copo na mão.)

**AMIGO** - Já são oito e meia.

**DONO DA BARBEARIA** - (suspirando) Mas hoje é feriado!

**AMIGO** - (rindo inconformado) Eu fico pasmo pelo que tu fazes por este rapaz e não fazes pelo teu proprio filho.

**DONO DA BARBEARIA** - *(irritado)* Ah, não. Pelo amor de Deus. Então eu prefiro falar do nosso problema de sempre: a falta de clientela ... *(vai em direção à rua e fica olhando para fora por alguns segundos)* a concorrência...

**AMIGO** - *(chateado)* Tá bom. Desculpa. *(Pausa.)* Levanta essa cabeça, porque hoje pelo jeito somos eu e tu.

*(O amigo faz menção de tirar o chimarrão da mão do Dono da Barbearia.)*

**DONO DA BARBEARIA** - E isso é alguma novidade?

**AMIGO** - *(apontando pra cuia)* Terminou?

**DONO DA BARBEARIA** - *(Olhando para a rua)* Mas eu ainda tenho esperança nele. Ele vai se aprumar. Tá no sangue.

**AMIGO** - Esperança. *(sorve o chimarrão)* No sangue. *(Pega a navalha do recipiente para fechá-la.)*

**DONO DA BARBEARIA** - *(Sorridente)* Ó, lá vem ele.

**AMIGO** - Da direção da praça?

**DONO DA BARBEARIA** - Hu-hum.

*(O Dono da Barbearia se vira irritado com o amigo.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Que implicância. Não te esquece que ele é meu sobrinho.

*(Um homem jovem entra esbaforido na barbearia. Ele vai direto até a cadeira com a bandeira do Internacional e começa a arrumar as suas coisas atrapalhadamente. O Dono da Barbearia vai até ele contente. O Sobrinho vira-se envergonhado para ele com a bandeira e uma revistinha nos braços.)*

**DONO DA BARBEARIA** - As linhas de ônibus...a gente logo imaginou *(olha para o amigo que sacode a cabeça negativamente decepcionado com o Dono da Barbearia)*...quer um chimarrão?

**AMIGO** - O teu sobrinho não toma chimarrão.

*(O Sobrinho e o Dono da Barbearia olham para o amigo, que sorve outro gole de chimarrão)*

**SOBRINHO** *(para o Dono da Barbearia)* - Tio, o senhor me desculpa...

**DONO DA BARBEARIA** - É claro, meu filho...o único problema é que a tua cadeira ainda está...

**SOBRINHO** - Eu tô dando um jeito.

*(O Sobrinho sai rapidamente para a sala contígua do fundo, levando a tralha que estava em cima da cadeira. O Dono da Barbearia dá um suspiro profundo.)*

**AMIGO** - O único problema desta barbearia...

*(O Sobrinho volta esbaforido.)*

**SOBRINHO** - Tio, eu queria só comprar um cigarro...é que os meus terminaram...e eu...

**DONO DA BARBEARIA** - *(com voz pesada)* Vai. Mas não demora.

*(O Sobrinho olha para o amigo e sai rapidamente. O amigo fica olhando para o Dono da Barbearia enquanto bebe o seu chimarrão.)*

**AMIGO** - os clientes dele vão fazer fila.

*(O Dono da Barbearia vai até a sala contígua buscar a caixa de materiais do Sobrinho em silêncio.)*

**AMIGO** - *(enche a cuia novamente)* Realmente, este rapaz é o futuro da tua barbearia.

*(O Dono da Barbearia volta e começa a arrumar o material do Sobrinho.)*

**AMIGO** - Pleno de potencialidades, empreendedor, disciplinado. Inclusive eu acho que ele se adequa muito mais a isso aqui do que o teu filho...

**DONO DA BARBEARIA** - *(virando-se furioso para o amigo)* Em primeiro lugar eu não tenho filho nenhum. Ele morreu. *(Indo em direção ao amigo, que vai se encolhendo à medida que o Dono da Barbearia se aproxima dele.)* E depois, eu não preciso desse teu sarcasmo. Eu confio no meu sobrinho e tenho certeza *(voltando para a cadeira do Sobrinho.)* que ele vai me substituir muito bem... *(Olha para as fotos antigas no espelho em frente a sua cadeira e se aproxima delas.)* no dia em que eu não estiver mais aqui.

*(Pausa tensa)*

**AMIGO** - Desculpa. Mais uma vez. Ultimamente...

**DONO DA BARBEARIA** - *(Vira-se para o amigo)* Eu até ia te perguntar. Eu estou estranhando o teu jeito, tu anda tão...irônico? Até parece a minha mulher. Se o guri não tá se adaptando é problema meu. E depois, ele tá começando, só tá aqui há sete meses. *(Vira-se para as fotos.)* Pra mim também foi difícil quando eu comecei. *(Vira-se para o amigo.)* E tu sabe muito bem disso. *(Pequena pausa)* Quanto tempo faz que a gente se conhece?

**AMIGO** - Eu só tava querendo te abrir os olhos.

**DONO DA BARBEARIA** - Não precisa. Se eu não consigo enxergar, azar é o meu. Eu já disse: o meu sobrinho é problema meu. Tá entendido?

**AMIGO** - *(Dá de ombros)* Então tá. Que horas vem o outro cara para a entrevista?

**DONO DA BARBEARIA** - Quando eu comecei não tinha quatro cadeiras, mas só duas: a do meu avô e a do meu pai. Eu ficava em volta olhando como eles barbeavam os clientes. E tinha que ficar de pé! Sem me sentar! Meu pai era muito brabo, mas eu nunca dei motivo pra ele me bater, só quando era muito guri. Quando eu era arteiro e ficava com a minha mãe em casa. Mas depois que o meu pai vendeu aquele piano que a minha mãe passava o dia tocando, tudo mudou. Daí eu praticamente morava aqui dentro. Minha mãe ficou triste.

**AMIGO** - Eu me lembro bem. Ela ficou muito triste.

**DONO DA BARBEARIA** - Mas o meu pai tinha razão, afinal de contas ela deixava de lado as obrigações dela para ficar tocando aquele piano. Queimava a comida, não controlava as minhas irmãs, e eram cinco filhas mulheres, hein! Meu pai teve sorte de ter tido pelo menos um filho varão. *(Pausa)* Mas aquele piano tinha um som tão doce...

**AMIGO** - Teu pai não simpatizava muito comigo.

**DONO DA BARBEARIA** - Claro, tu ficava agitando pra cima e pra baixo em vez de ter um emprego decente! (*Constrangido*) Tu sabe qual foi a minha maior humilhação nesta vida, não sabe?

**AMIGO** - Pra que te lembrar disso?

**DONO DA BARBEARIA** - Engraçado que bem no dia de finados a gente fica falando dos que já se foram. Mas aquele tapão que o meu pai me deu na frente das minhas irmãs eu nunca vou me esquecer.

**AMIGO** - Se não fosse tu, eu estaria sendo torturado. Com toda a certeza. Era a época mais pesada da ditadura, os milicos não queriam nem saber, o negócio era torturar o maior número de gente pra apavorar todo mundo.

**DONO DA BARBEARIA** - Eu não me lembro mais se a minha mãe já era morta...

(*Pausa melancólica.*)

**AMIGO** - (*Quebrando o mal-estar*) E cadê esse guri que não chega .

**DONO DA BARBEARIA** - Eu não disse pra tu deixar o guri em paz que...

**AMIGO** - Eu tô falando da entrevista. Larguei ele de mão.

**DONO DA BARBEARIA** - Se tu tivesse tido um fi...uma decepção, como a que eu tive, tu não estaria agindo desta maneira. E o que eu mais estranho é que tu sabe, mais do que ninguém, como essa barbearia é importante pra mim, ela é tudo, é a minha vida. Se o meu sobrinho não der certo (*bate três vezes na madeira*) e ele vai dar certo, sim, eu... simplesmente vou me dar por derrotado.

(*Amigo olha para Dono da Barbearia com pena.*)

**DONO DA BARBEARIA** - (*Indo para a frente*) Como se não bastasse esse salão todo colorido aí na frente. (*Pequena pausa. Em voz baixa*) O meu filho. (*Entra um homem de idade indefinida, algo entre 25 e 40. Somente os lábios e cabelo revelam a ascendência negra. Bem vestido demais para a ocasião e para o lugar.*)

**AMIGO** - Chegou. É ele.

**INTRUSO** - Com licença. (*Para o Dono da Barbearia*) Bom-dia. (*Para o amigo*) Tudo bem?

**AMIGO** - (*Em tom amigável*) Tu não quer te sentar? A cadeira do chefe é o melhor lugar para...

(*O Dono da Barbearia faz uma menção com a cabeça para o Intruso se sentar na cadeira do amigo. O amigo se constrange. O Dono da Barbearia e o Intruso se encaram por algum tempo. O Intruso resolve se sentar na cadeira indicada.*)

**AMIGO** - Um chimarrão? Um café?

(*Silêncio. O Intruso e o Dono da Barbearia continuam se olhando. Um olhar desafiador.*)

**INTRUSO** (*ainda olhando para o Dono da Barbearia*) - Eu não gosto de chimarrão.

**AMIGO** (*tentando quebrar o mal-estar*) - Tu prefere que eu converse com ele? O cemitério vai começar a encher daqui a pouco.

**INTRUSO** - Ah, me desculpem, se vocês preferem que eu venha num outro dia para fazer a entrevista, eu posso...

**DONO DA BARBEARIA** - Ninguém morreu.

**AMIGO** - É que ele costuma visitar...

**DONO DA BARBEARIA** - Antes de mais nada eu gostaria de dizer que esta barbearia é uma empresa familiar, inaugurada pelo meu avô, continuada por meu pai e agora por mim.

*(O Dono da Barbearia espera por uma pergunta do Intruso. O Intruso esboça um sorriso muito sutil.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Como eu não tenho filhos, o meu sucessor será o meu sobrinho.

**AMIGO** - No momento ele está...

**DONO DA BARBEARIA** - Meu sobrinho saiu para comprar cigarros, mas já volta.

*(O amigo se retira para tomar chimarrão no fundo da cena.)*

*(pausa curta.)*

**INTRUSO** - Isto significa que, caso eu seja selecionado, eu terei dois chefes?

**DONO DA BARBEARIA** - Eu não disse isso. O chefe sou eu.

**INTRUSO** - Ah, sim.

**DONO DA BARBEARIA** - E quem faz as perguntas aqui sou eu.

**INTRUSO** - Perfeitamente.

*(O Dono da Barbearia fica sem jeito com a segurança do Intruso. Os dois se encaram por mais um tempo.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Experiência profissional?

**INTRUSO** - Os meus cursos estão todos no meu currículo aqui dentro.

*(O Intruso entrega uma pasta de cor forte para o Dono da Barbearia. Ele pega a pasta e sem saber o que fazer com aquilo, entrega para o amigo que começa a examinar a papelada que está dentro dela.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Nós ... (*pigarreia*)...eu estou procurando um barbeiro que seja competente, disciplinado e...

**AMIGO** - Que não se atrase.

**DONO DA BARBEARIA** - Isto.

*(O Dono da Barbearia espera por mais um comentário do Intruso que não vem.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Você corta e barbeia?

**INTRUSO** - Corto, barbeio, aparo, raspo com máquina...

**DONO DA BARBEARIA** - Nós não temos máquina aqui...

**INTRUSO** - Então eu irei me adaptar ao material que existe.

**DONO DA BARBEARIA** - (*desconfiado*) Hum...

**INTRUSO** - O senhor gostaria que eu começasse quando?

**DONO DA BARBEARIA** - Eu...primeiro eu preciso entrevistar mais uns...dois candidatos, para depois...

**INTRUSO** - Eu fiz ótimos cursos e tenho uma boa clientela que pode trazer outros clientes para a sua barbearia. Eu tenho inclusive prêmios do concurso salão de beleza gaúcho.

**DONO DA BARBEARIA** - Salão de beleza?

**INTRUSO** - Hoje em dia não se pode ser seletivo, onde aparecer um emprego, a gente pega. A concorrência é grande.

**DONO DA BARBEARIA** - Inclusive bem aqui na frente abriu um maldito (*ênfatizando com os dentes cerrados*) salão de beleza americano, de uma dessas redes multinacionais.

**INTRUSO** - Mas eu acredito que a sua clientela não frequenta este tipo de lugar.

**DONO DA BARBEARIA** - É. Não é lugar pra macho.

**INTRUSO** - Perdão?

**DONO DA BARBEARIA** - O que?

**INTRUSO** - Eu não entendi.

**DONO DA BARBEARIA** - Não entendeu o que?

**INTRUSO** - O que o senhor quis dizer.

**DONO DA BARBEARIA** - Quis dizer com o que?

(*Silêncio embaraçoso.*)

**INTRUSO** - A minha pretensão salarial está na pasta.

**DONO DA BARBEARIA** - Esta barbearia é modesta. Não vai pensar que a gente vai pagar o que os gringos pagam aí na frente.

**INTRUSO** - Eles estão precisando de gente?

(*Curto silêncio.*)

**DONO DA BARBEARIA** - Aquilo não é lugar pra macho.

(*O Intruso se levanta.*)

**INTRUSO** - Eu não vou mais roubar o seu tempo. O senhor ainda quer visitar os seus parentes mortos, não é mesmo? (*Oferece a mão para se despedir do Dono da Barbearia. Ele hesita, mas aperta a mão do rapaz.*) Eu ligo para saber do resultado?

(*O Dono da Barbearia não sabe o que dizer.*)

**AMIGO** - (*Olhando os papéis*) Liga. Liga, sim. (*Levanta-se e faz menção de devolver a pasta para o Intruso.*)

**INTRUSO** - Pode ficar com ela. (*Para o Dono da Barbearia*) São cópias. O original está comigo. (*Sorri*) Até logo. (*Sai.*)

**DONO DA BARBEARIA** - Não entendi. (*Imitando a voz do Intruso.*) O original está comigo.

**AMIGO** - Este rapaz tem bastante experiência. Eu pegaria ele.

**DONO DA BARBEARIA** - Não sei se ele vai se entender com meu sobrinho. Me pareceu um rapaz muito delicado pra enfrentar o dia-a-dia numa barbearia.

**AMIGO** - Com o movimento que nós temos tido ultimamente...

**DONO DA BARBEARIA**- Com ou sem movimento, eu não fui com a cara dele.

**AMIGO** - (*Largando a pasta na mesinha ao lado da cadeira da esquerda ao fundo*) Isto tu não precisa nem dizer. Ficou na cara.

**DONO DA BARBEARIA** - É bom. Assim ele sabe desde o início quem manda aqui.

**AMIGO** - Vai ficar com ele então?

**DONO DA BARBEARIA** - Não sei. Vou pensar. Tenho coisas mais importantes com o que me preocupar hoje. Eu tenho que comprar as flores ainda. Se a minha mulher fosse uma boa companheira, iria comigo.

**AMIGO** - (*Disfarçando o interesse, brinca com a navalha.*) E ela não vai?

**DONO DA BARBEARIA** - Como se tu não conhecesse aquela lá. A minha companhia deve ser um martírio pra ela. O que ela mais gosta é de viajar pro exterior sem mim. Vai assistir aqueles shows de música sem mim. E eu na verdade dou graças a Deus, assim posso ver meu futebolzinho em paz na televisão sem ter que ficar dando ouvidos às conversinhas enjoadas dela. Acho que se a gente se conhecesse hoje, a gente não se casaria.

**AMIGO** - Ai! (*Deixa cair uma navalha no chão*)

**DONO DA BARBEARIA** - Como é que esta navalha escapou assim? (*Pega uma gaze numa gaveta*)

**AMIGO** - Sei lá! Eu tava arrumando ela aqui e de repente...

**DONO DA BARBEARIA** - (*fazendo um curativo no amigo e rindo*) Tô me lembrando de uma coisa.

**AMIGO** - Do que?

**DONO DA BARBEARIA** - De quando eu tinha que fazer curativo em ti depois que tu apanhava da polícia.

(*O amigo se constrange.*)

**DONO DA BARBEARIA** - Não precisa fazer essa cara, eu não estou te cobrando nada. Fiz pela nossa amizade, afinal tu sempre segurou todas aqui na barbearia também. A gente tá quites.

**AMIGO** - Não. A gente nunca vai ficar quites. Eu sempre vou ficar te devendo. Sempre.

**SOBRINHO** - (*Entra abruptamente*) Tio, eu tô morrendo de vergonha, mas eu não vou poder ficar hoje.

**DONO DA BARBEARIA** - (*Olha para o amigo. Termina o curativo. Vira-se para o Sobrinho.*) O que foi? Desta vez.

**SOBRINHO** - É que, eu tinha esquecido de falar, sabe, hoje é um dia muito importante pra minha mulher, ela é muito religiosa, o senhor sabe, e ela disse que eu tinha que ir lá no cemitério com ela, porque eu tenho que dar exemplo pras crianças, eu disse que tinha compromisso com o senhor, afinal o senhor já me quebrou o galho aqueles três dias que eu faltei, mas a mulher insistiu e mulher quando embesta com uma a coisa, ainda mais a minha.



**DONO DA BARBEARIA** - (*Professoral*) Bom. Hoje é uma exceção. O movimento tá bem fraco. Feriado.

(*O Sobrinho abraça o Dono da Barbearia que fica rígido e afasta a cabeça um pouco pra trás desconfortável com o abraço.*)

**DONO DA BARBEARIA** - Mas eu espero que isso não se repita mais.

**SOBRINHO** - Bah, muito obrigado, tio. Nem sei como lhe agradecer. O senhor é como um pai pra mim. Amanhã eu tô de volta, bem cedinho. Eu juro.

(*Sobrinho sai cantarolando alguma melodia popular atual.*)

(*O Dono da Barbearia olha para o amigo esperando que ele diga alguma coisa.*)

**DONO DA BARBEARIA** - Satisfeito?

**AMIGO** - Eu larguei de mão, já disse.

**DONO DA BARBEARIA** - Mulher quando embesta com uma coisa...pobre do meu sobrinho. (*Vira-se para o amigo.*) Escuta, eu nunca te perguntei isso...acho que nunca, quando ele começou a falar da mulher dele eu pensei em ti, uma coisa que eu sempre tive curiosidade de te perguntar. (*Olhando para o amigo.*) Tu não te sente muito sozinho? (*vai até a frente da barbearia*) Porque eu tenho as minhas diferenças com a minha mulher, mas ela tá lá, do meu lado. Agora, ficar sozinho tanto tempo, uma vida toda, chegar de noite em casa sem ninguém te esperando com a janta na mesa...é estranho...(*pausa curta*) esses filhos da puta, foram se enfiar bem no nosso nariz. É brincadeira, vão chegando de mansinho, como não quer nada e de repente, de uma hora pra outra, a gente se vê encurralado, não tem mais pra onde fugir. Mas nós vamos sair dessa. Eu tenho certeza que a gente vai sair dessa. Eu vou honrar o sangue que corre aqui, dentro das minhas veias. Ah, se vou. Vou sim.

## **INTERMEZZO 1**

**DONO DA BARBEARIA** - Monolito. Foi essa a palavra que o meu filho usou pra me comparar com alguma coisa, ou melhor, comparar os meus sentimentos com alguma coisa. Porque pra ele eu não tenho sentimentos. Nem preciso dizer o que a minha mulher pensa disso, ou preciso? Quando eu cheguei na sepultura deles, onde eu também vou ser enterrado quando eu morrer, a primeira coisa que me veio foi essa palavra estranha: monolito. Estranha, porque tudo o que vem do meu filho, um filho que eu nem considero mais, é estranho. As roupas, o jeito de sentar na mesa, as conversas...o olhar...a gargalhada que ele dá porque eu fico ouvindo música clássica em casa enquanto que ele vai dar a bunda dele pra não sei quem. Viadinho porco. Se ele soubesse o valor de uma boa música! Eu tinha vontade de amarrar ele numa cama e deixar ele escutando música clássica por um bom tempo. Uns dois dias...não, cinco...uma semana, pronto. Eu botaria Wagner...não, botaria a suíte de Peer Gynt, quando a mãe morre, pra

que ele absorvesse o que o monolito sente por ele. E eu não tenho sentimentos. “O senhor é um monolito!”. E daí eu perdi o controle e falei. Chamei ele de bicha suja e que a porta estava aberta para quem quisesse ir embora. Hoje até acho que fui duro. Não deve ser fácil ser maricas. (*Endireitando-se*) Mas filho meu não pode, não pode e pronto. Quebrar uma tradição de três gerações...tem que ter muito culhão pra isso. (*Pausa.*) Engraçado, eu não me acho tão seco assim. Só porque eu não gosto que falem comigo quando eu estou assistindo o meu futebol na televisão ou porque recuso fazer qualquer programa com a minha mulher porque eu tenho vergonha daquele jeito espalhafatoso dela não quer dizer que eu seja seco. Monolito. Será que lá na barbearia eles também me acham seco? Seco é aquele guri que apareceu lá, isso sim. Seco e educado demais pro meu gosto. Eu não quero admitir que ele possa ser um...uma...(*engole em seco*) mas prêmio do concurso salão de beleza gaúcho é meio demais. Já basta aquela coisa esquisita que construíram bem em frente da minha barbearia e que também se chama “salão”, é muita coincidência, não é? Um exagero de cores, formas, uma gente estranha que entra e sai dali. E muita gente. Claro que eles não vão roubar a minha clientela, afinal a minha barbearia tem anos de tradição e os meus clientes não iriam ter coragem nem de entrar naquele pardieiro. Um belo dia um bando de viado resolve fincar pé bem em frente da minha barbearia e acham que são os donos do campinho. Aha, vocês vão ver! Eu jogo a minha cabeça de touro em cima de vocês e quebro os vidro tudo, e depois eu dou uma camaçada de pau, um por um pra aprender. E quem sabe eles até deixam de ser viados. E resolvem vir trabalhar pra mim. (*Estremece*) Mas que ideia mais maluca, o que é que tá acontecendo comigo? Ai, meu deus. Meu pai e meu avô, me ajudem a carregar esse fardo. Eu tô ficando velho, tá na hora de descansar. Eu sei que tem ainda uns bons dez anos pela frente e eu garanto que agüento, não vou fazer feio, não se preocupem. Mas e depois? Eu tento segurar, mas ele tem razão: meu sobrinho não é de nada. Também, com aquele sangue misturado dele. Já deve ter perdido o ímpeto espanhol, la fuerza. Eu preciso começara ser mais duro pra mostrar quem é que manda lá dentro, ainda mais com o novato. (*Atônito*) Espera aí, então eu já considero ele o quarto barbeiro da casa? (*Ri*) Aquela cadeira nunca prestou. Antes da demissão do velho, tinha aquele louco que tinha volta e meia um ataque epiléptico e acabou afastando uma boa parte da freguesia. Mas acho que eu vou ficar com aquele guri sim. De repente ele até fica amigo do meu filho. Mas o que é isso? Eu não tenho filho nenhum. Tenho que parar de me auto-iludir. O monolito tem que ser valente. E se eu não for, quem mais vai ser?

O cemitério tava cheio, e eu detesto cemitério cheio. As pessoas me cumprimentavam e eu fazia que não as via. A sepultura tá precisando de uma boa limpada. Mas onde é que eu vou arranjar tempo pra fazer isso? A minha mulher, nem pensar. (*Ri*) Será que todo mundo que fica velho fica se

perguntando por que raios acabou se casando com aquela pessoa? No começo era bom. Ela cumpria a parte dela e eu a minha. Ela se esforçava na cozinha. Sempre tava em casa quando eu chegava. Engraçado, parecia que ela tava representando, não era muito verdadeiro aquilo tudo, me esperar de avental. Mas eu gostava, ah, se eu gostava. Depois, ela foi relaxando e não fazia mais nada o que uma boa esposa deve fazer: esquecia de passar os punhos das minhas camisas, deixava faltar alguns alimentos, acordava tarde e quando ela se sentava do meu lado pra ver televisão, não parava de tagarelar, mas era uma conversa com ela mesma, onde ela se perguntava e respondia e nem olhava pra mim. Eu sei que o que deixava ela mais feliz eram as viagens que eu pagava, pra não me incomodar. De quatro em quatro anos. Quando o nosso...o filho dela já caminhava, de três em três. Ela brilhava. Quando eu levava ela pro aeroporto, o sorriso dela era o mesmo do dia em que a gente se casou. Fazia sol. Ela toda de branco, com um véu sobre o rosto. O beijo que ela me deu no final da festa, salão vazio, pratos sujos, foi o beijo mais doce de toda a minha vida. Aquele beijo era uma promessa de felicidade eterna. Mas ficou na promessa. Não, decididamente ela nunca iria vir limpar a minha sepultura. As minhas irmãs, muito menos. Um bando de pobres-coitadas. Uma mais miserável que a outra. Não mereciam a vida que tiveram. Deve ter sido culpa da minha mãe que não soube educá-las. Passava o dia tocando aquele piano. Eu gostava, mas nunca disse pro meu pai.

Quando eu fui encher uma vasilha pra botar água nas flores que eu tinha levado pro cemitério eu ouvi um som de órgão. Estava acontecendo um funeral. E eu me lembrei da minha mãe, porque a música que estava sendo tocada, ela também tocava. E principalmente nos dias mais ensolarados. Terminei de arrumar a sepultura e fui até o funeral, como quem não quer nada. Primeiro me certifiquei pra ver se era alguma pessoa conhecida. Por sorte não era. À medida que eu me aproximava eu tinha a nítida sensação de que eu iria encontrar a minha mãe lá dentro. A música ficava cada vez mais melodiosa, algumas vezes parecia ser a suíte Peer Gynt, quando a mãe morre. Passei por um rapaz que estava sentado num banco escutando alguma coisa com os fones de ouvido. Lembrei do meu plano de prender o meu filho no quarto. Entrei na sala. Pouca gente. A música continuava num tom monótono, apesar de encantadora. Eu só vi quatro cadeiras. Por incrível que pareça, todas elas estavam vazias. De repente fiquei constrangido de estar ali no meio daquela gente estranha e resolvi me sentar. Fechei os olhos. Achei engraçado aquelas cadeiras vazias que pareciam estar me esperando. Botei a mão na frente da cara. Agora a música *era* a suíte Peer Gynt. Abri os olhos e olhei para a direção do órgão. Uma senhora não muito velha estava de costas, quase num transe tocando. A figura me pareceu familiar. Continuei olhando para ela. Comecei a ficar levemente tonto. De repente, ela parou de tocar o órgão. Ficou ainda por um tempo sentada de costas para mim olhando

para a parede branca na frente dela. Então ela se virou levemente e sorriu para mim. Era a minha mãe.

## ATO 2

*A mesma barbearia do primeiro ato.*

*A cadeira da frente à esquerda. O Intruso está concentrado e fascinado olhando umas fotografias que estão dentro de uma caixa que está sobre a cadeira. O pano vermelho está cuidadosamente dobrado sobre o espaldar da cadeira.*

*A cadeira do fundo à esquerda está coberta com um pano colorido. O material de trabalho está organizado sobre a mesa auxiliar. Cada frasco possui uma etiqueta identificando-o. Muitos cremes e xampus coloridos. Revistas empilhadas na parte de baixo da mesa auxiliar.*

*A cadeira do fundo à direita. O estofado tem um rasgão na parte superior que está coberto com faixas de esparadrapo. A bandeira do internacional serve de tapete para a mesa auxiliar. Poucos produtos na mesa auxiliar: uma tesoura aberta, um pincel de barba mergulhado numa água turva, uma toalha barata amassada.*

*O Sobrinho está sentado na cadeira na frente à direita com os pés sobre a mesinha auxiliar. Os produtos da mesa foram empurrados para um dos lados.*

**SOBRINHO** - ...a que tinha cabelo pintado de vermelho chegou perto de mim e perguntou: e aí, sozinho? (*Ri*) Eu fiquei meio sem jeito, porque nunca pensei que ela ia chegar tão rápido (*contorcendo-se*)...ai que tesão!

**INTRUSO** - A Espanha deve ser um lugar muito interessante. Isso só pode ser lá.

**SOBRINHO** (*sentando com a coluna reta na cadeira*) - Eu olhei pra ela e disse: tá a fim? Ela deu uma piscadinha, não, meu irmão, mas uma piscadinha tão esperta que eu achei que eu ia morrer (*vira-se para o Intruso*) E o amigo aqui já tava armado.

*(O Sobrinho observa o Intruso olhando as fotos. Levanta-se, vai até a cadeira na frente à esquerda e puxa o pano vermelho.)*

**INTRUSO** - Não, vai amassar (*tenta tirar o pano do Sobrinho.*)

**SOBRINHO** (*usando o pano como pano de tourada*) - Olé!

**INTRUSO** - Me dá aqui. Daqui a pouco o nosso colega chega e o pano dele vai estar todo amassado.

**SOBRINHO** - Eu quero que aqueles dois se explodam...os tios...os coroas...

**INTRUSO** - Eu quero ver quando o teu tio ver a bagunça que tu fez nas coisas dele.

*(O Sobrinho olha para o relógio.)*

**SOBRINHO** - Não dá nada, meu. O velho chega sempre pontualmente às quinze pras sete.

**INTRUSO** - Então deixa eu ir guardando essas fotos pelo menos.

**SOBRINHO** (*enrolando-se no pano vermelho*) - E a gente dançou bem apertadinho, e ela passava a mão no meu pau, e eu tava ficando louco e ficava pensando eu tenho que levar essa mulher prum lugar longe daqui, eu tava louco pra comer ela...

**INTRUSO** - Tu moraria na Espanha?

**SOBRINHO** (*estranhando*) - O que?

**INTRUSO** - Eu te perguntei se tu moraria na Espanha. Sabe onde fica, né?

**SOBRINHO** (*desanimado*) - Pô, meu. Eu te falando da mina gostosa e tu me vem com esse papo...

(*O Intruso aproveita a distração do Sobrinho e arranca o pano dele.*)

**INTRUSO** (*sacudindo o pano e colocando sobre a cadeira na frente à esquerda.*) Deixa eu sacudir que deve estar cheio de gonorréia dessa puta.

**SOBRINHO** - Ih, meu, qual é? Vai me dizer que tu não é chegado numa farra?

**INTRUSO** (*com malícia*) - Sou. Sou, sim. Mas as minhas farras são...diferentes. E eu acho melhor tu ir arrumando aí as coisas do teu tio. Já são sete e quarenta e três. E as tuas também.

**SOBRINHO** - Sabe que eu te acho uma pinta meio estranha.

**INTRUSO** - Ah, é?

**SOBRINHO** - É.

**INTRUSO** - Todo mundo é um estranho pros outros.

**SOBRINHO** - Ih, não me vem com essas filosofia que eu não gosto. Até parece o tio aí do pano vermelho. Eu sou que nem o meu tio. (*Olha pra cabeça de touro e ri.*) O do chifre...Sou um cara simples. Arroz e feijão na mesa, uma birita, mulher gostosa, um pagodezinho rolando...

**INTRUSO** - E a tua mulher deve adorar...

**SOBRINHO** (*irritado*) - Qual é a tua, hein? A minha mulher é problema meu. Sabe qual é o teu problema, eu já saquei isso faz horas.

**INTRUSO** - Qual?

**SOBRINHO** - Tu não curte mulher. Tu é chegado numa espada.

(*O Intruso enrubesce. Pausa constrangedora. O Sobrinho olha para o Intruso. O Intruso fica sem saber o que dizer.*)

(*O Dono da Barbearia entra e vai direto para a sala contígua ao fundo sem cumprimentar ninguém. O Sobrinho vai apressado até a mesa auxiliar do Dono da Barbearia e começa a arrumá-la com afobação. O Sobrinho termina de arrumar e vai arrumar a sua própria mesa auxiliar. O Dono da Barbearia volta vestindo um avental. Ele para na sua cadeira e se vira para o Intruso.*)

**DONO DA BARBEARIA** - Eu preciso te dizer uma coisa, meu rapaz.

(*O Intruso se empertiga.*)

**DONO DA BARBEARIA** - Eu não estou nada satisfeito com a forma que tu andas cortando o cabelo dos nossos clientes.

**INTRUSO** - Nossos?

**DONO DA BARBEARIA** (*perdendo a paciência*) - É claro, antes de serem teus eles são clientes da barbearia.

**INTRUSO** (*virando-se para os frascos coloridos de xampu que ele sacode e observa o líquido dentro do tubo se misturando.*) - E ...onde é que eu estou comprometendo a barbearia?

**DONO DA BARBEARIA** (*engolindo em seco para não explodir*) - Os seus cortes de cabelo estão muito diferentes do jeito que nós costumamos cortar o cabelo.

**INTRUSO** (*olhando para o Dono da Barbearia*) - Diferente. Diferente, como?

**DONO DA BARBEARIA** (*olha confuso para o Sobrinho*) - Hum...diferente. Exótico. Extravagante. É isso. Extravagante.

(*O Sobrinho esconde a risada.*)

**INTRUSO** - E então como é que o senhor gostaria que eu cortasse o cabelo dos clientes.

**DONO DA BARBEARIA** - Bom, não sou eu que vou te ensinar. Eu te acei...eu te escolhi pelo teu currí...currí...

**INTRUSO** - Currículo?

**DONO DA BARBEARIA** - É. É isso aí.

(*O Dono da Barbearia vira-se, pega um pano e começa a limpar a cabeça de touro.*)

**DONO DA BARBEARIA** (*limpando os chifres*) - Eu já tenho preocupações suficientes. (*Para de limpar e vira-se para a frente.*) Esse bando de gente afrescalhada que abriu esse (*com ironia*) *salão de beleza*, isso já é suficiente pra tirar o meu sono.

**INTRUSO** - Mas eu também preciso lhe confessar que o meu trabalho fica cada vez mais difícil: primeiro o senhor exige que eu use somente os materiais que o senhor considera adequados, depois, quer que eu corte como vocês cortam, mesmo sem ter aprendido a cortar desta forma e ter que, de uma hora pra outra, mudar a forma de cortar. (*Suspira depois da longa frase.*) Não vai ser fácil.

**DONO DA BARBEARIA** - Infelizmente tu vai ter que se adaptar, se quer o emprego.

**INTRUSO** - Eu só queria que o senhor me explicasse uma coisa: se a clientela está até aumentando, porque eu deveria mudar o jeito de cortar o cabelo deles?

**DONO DA BARBEARIA** - Quem disse que tá aumentando.

**INTRUSO** (*apontando pra cadeira do Rival*) - O seu, ou melhor, o nosso colega.

**DONO DA BARBEARIA** (*indignado*) - Ele anda se metendo demais onde ele não é chamado. (*Dá um soco na mesa auxiliar. Um frasco com um líquido vermelho cai no chão, a tampa se abre e o líquido derrama no chão.*)

**SOBRINHO** (*fazendo menção de limpar*) - Não, pode deixar comigo.

**DONO DA BARBEARIA** (*para o Intruso*) - Viu o que tu me fez fazer? Tu e aquele...nosso colega.

**INTRUSO** - E então?

**DONO DA BARBEARIA** - Então o quê?

**INTRUSO** - A clientela não aumentou depois que eu cheguei?

**DONO DA BARBEARIA** - Presunçoso. Até parece o meu filho.

(*O Intruso estremece.*)

**SOBRINHO** - Isso já é forçação de barra. Tudo bem que a clientela não era das melhores...

**DONO DA BARBEARIA** - Tu também? Isso é um complô?

**SOBRINHO** - Não, tio. O que é isso.

**INTRUSO** (*virando-se de costas para os dois e arrumando o pano colorido na cadeira*) - Se todo mundo pegasse junto aqui...

**SOBRINHO** - Essa agora foi pra mim.

**DONO DA BARBEARIA** (*Indo até o centro da barbearia e levantando o dedo na direção do Intruso*) - Olha aqui, meu rapaz, se tu achas que eu te contratei pra salvar a barbearia tá muito enganado. Esse estabelecimento existe desde o início do século e não vai fechar se um (*olha pro Sobrinho*) ou outro (*olha para o Intruso*) for embora. O dono sou eu, a alma do negócio, o coração disso aqui. Por isso é bom ir me respeitando que eu tô te achando muito desbocado ultimamente.

(*O Intruso aponta para si proprio com uma risada irônica.*)

**DONO DA BARBEARIA** - E ainda por cima essa risada debochada...vem cá, tu não conheces o meu filho?

**INTRUSO** (*surpreso*) - E...deveria?

**SOBRINHO** - E tem mais, tio, ele já roubou dois clientes meus, o carinha que trabalha no banco e aquele gordo de óculos. Os dois simplesmente decidiram cortar com ele.

**DONO DA BARBEARIA** (*gritando*) - Se tu não estiver satisfeito, é só se mudar pra aquele salãozinho aí em frente, ali tu vai poder usar a máquina e fazer o que tu bem entender com o cabelo dos teus clientes.

(*O Rival entra e se coloca entre o Intruso e o Dono da Barbearia olhando alternadamente para os dois.*)

**RIVAL** - Pelo amor de deus, mas o que é isso? A gente escuta lá da esquina. (*olha para o Sobrinho*) Lá do teu barzinho.

**SOBRINHO** - Ih, nem vem que eu tô quieto aqui no meu canto. E além disso é a mais pura verdade que ele roubou meus clientes.

**RIVAL** - Roubou? Como assim? Que história é essa?

(*O Dono da Barbearia vai lentamente para a sua cadeira.*)

**INTRUSO** (*em voz baixa para o Rival*) - Uma baixaria completa.

**DONO DA BARBEARIA** (*com a voz pesada*) - Isto é o fim.

*(Silêncio constrangedor. O Intruso e o Rival se olham. O Sobrinho vai até o Dono da Barbearia e o leva até a cadeira da frente à direita. O Sobrinho senta o Dono da Barbearia na cadeira. O Sobrinho sai para a sala do fundo.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Desde que eles chegaram, o outro ainda tava aí no teu lugar, a clientela começou a baixar. No começo eu achei que era coisa do momento, moda, que ia passar logo. E passou três dias, uma semana, um mês, e a coisa ia ficando cada vez mais preta. Eu não sei o que as pessoas acham de tão interessante no lugar: só aquele colorido na entrada já me deixa ofuscado. Zonzo.

*(O Sobrinho volta equilibrando uma xícara de café numa bandeja e vai até o Dono da Barbearia. O Dono da Barbearia olha para o café por um tempo, depois olha para o Sobrinho. O Dono da Barbearia se levanta e vai até a frente da barbearia. O Sobrinho olha para o Rival e para o Intruso.)*

**DONO DA BARBEARIA** *(rindo com melancolia)* - Até o nome a gente não sabe pronunciar direito. Não sei pra que botar esses nomes em inglês que ninguém sabe o que quer dizer. Acho que é isso. É pra ninguém entender mesmo.

*(O Sobrinho volta para a sala do fundo com a bandeja.)*

**DONO DA BARBEARIA** *(suspira profundamente)* - Mas a gente vai sair dessa. *(Olha pro Rival)* Mesmo que tenha gente que anda querendo passar a perna em nós...

*(O Intruso vê a caixa de fotografias sobre a cadeira na frente à esquerda e entrega para o Rival.)*

**DONO DA BARBEARIA** -... gente vai dar a volta por cima e mostrar pra esses gringos de merda que a gente chegou primeiro e que o povo não é burro de comprar gato por lebre!

**INTRUSO** - Eu tava dando uma olhada nelas.

**DONO DA BARBEARIA** *(berrando)* - E quando eu digo gente, eu falo de vocês dois. *(Para o Rival)* Um fica falando coisas quando eu não tô por perto, *(para o Intruso)* e o outro...é por isso que a gente tá afundando cada vez mais, não existe união, não existe cooperação *(vai até a sua cadeira)*. Eu não posso olhar pra cara desse sujeito que eu me lembro do cretino do meu filho, aquele pulha que desonrou toda a família, uma tradição de quase um século ... *(quase choramingando)* o que é que custava trabalhar comigo, ficar do meu lado, me ajudar...ajudar...

*(O Sobrinho entra da sala do fundo cabisbaixo e se aproxima do Dono da Barbearia querendo pedir alguma coisa. O Intruso faz menção de avançar em direção ao Dono da Barbearia e dizer alguma coisa, mas o Rival o impede.)*

**DONO DA BARBEARIA** *(indo sentar-se na sua cadeira)* - Que decepção prum pai um filho assim. *(Com orgulho ferido)* Graças a Deus o meu pai nunca pode dizer isso. Nem sentir. Eu sempre fui o filho exemplar.

**SOBRINHO** - Tio, eu quer...



**DONO DA BARBEARIA** - Eu jamais fiz qualquer coisa que fosse motivo de decepção. Nunca.

**SOBRINHO** - Tio, eu ... *(muda o tom da voz)* É uma pena que eu tenha convivido tão pouco com o abuelo, mas as lembranças que eu guardo são todas muito legais.

*(O Rival sacode a cabeça inconformado.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Pois é, meu filho, é uma pena que ele não está mais entre nós.

**SOBRINHO** - Pai é uma coisa muito importante, o senhor não acha?

**DONO DA BARBEARIA** - É a base, o alicerce.

**SOBRINHO** - Por esse motivo eu queria estar ao lado do meu pai nesse momento difícil da vida dele.

**DONO DA BARBEARIA** - O que é que ele tem?

**SOBRINHO** - Tá no hospital. Tá mal o velho. Acho que de hoje ele não passa.

**DONO DA BARBEARIA** - Tua mãe não me disse nada.

**SOBRINHO** - O senhor sabe como ela é...durona...sangue espanhol...não quer dar o braço a torcer, depois de tudo o que ela passou com ele. Mas eu sou filho. Acho que eu tenho a obrigação de estar do lado dele nesse momento.

**DONO DA BARBEARIA** - Claro, se tu tivesse me dito antes eu te liberava.

**SOBRINHO** - Eu não quis interromper o que o senhor tava falando...inclusive eu concordo com tudinho, *(rindo triunfante)* assino embaixo. *(Olha para o Intruso e o Rival que devolvem um olhar condenatório).* *(Para o Dono da Barbearia)* Então, posso ir ?

**DONO DA BARBEARIA** - Claro. Vai com Deus.

*(O Sobrinho corre até a sala do fundo e volta logo depois com uma sacola de plástico cheia de coisas.)*

**SOBRINHO** - Até mais...colegas. *(Sai.)*

*(O Dono da Barbearia se levanta da sua cadeira e começa a organizar o seu material de trabalho. O Rival dá uma olhada para o Intruso que retribui o olhar.)*

**RIVAL** *(olhando para o Dono da Barbearia)* - Eu acho que quem vai acabar indo com deus é a tua barbearia.

**DONO DA BARBEARIA** *(sem entender)* - Como é que é?

**RIVAL** *(irritado)* - Depois de todo este discurso contra os colegas que não colaboram, que não pegam junto, que jogam contra...tu resolve liberar o mais irresponsável de nós todos...

**DONO DA BARBEARIA** - Eu não te dei liberdade pra tu...

**RIVAL** - Agora tu vai deixar eu falar.

*(O Intruso se constrange e sai sorratamente para a sala do fundo.)*

**RIVAL** - Fica.

*(O Intruso para. O Dono da Barbearia se surpreende.)*

**RIVAL** - Eu quero que ele fique pra ouvir o que eu tenho pra dizer.

*(Silêncio constrangedor.)*

**RIVAL** - De uma vez por todas, tu tens que te dar conta de três coisas: primeiro, que o teu sobrinho não serve pra cá; segundo, que este rapaz aumentou o número de clientes da barbearia, sim; e em terceiro, criticando o trabalho dele e beneficiando o outro eternamente ausente, tu tá boicotando a tu a própria barbearia, e em última instância, a ti mesmo. *(Pausa.)* É um suicídio.

**DONO DA BARBEARIA** *(magoado)* - Eu pensei que a nossa amizade de longos anos...que eu não precisasse passar por isso. Ouvir essas coisas na frente de estranhos. *(Vai em direção às fotografias do pai e do avô e fica admirando-as).* Isto é um grande complô. Estão todos contra mim. Vocês, o meu sobrinho, esta gente da barbearia aí da frente, meu filho e a minha mulher. *(Ri com sarcasmo.)* É. Mulher, modo de dizer, porque...

**RIVAL** - Não devia ser tão ingrato. Não sabe dar valor ao que tem.

**DONO DA BARBEARIA** *(calmamente)* - Esse é o teu problema. A solidão.

**RIVAL** - Como assim?

**DONO DA BARBEARIA** - Quando a gente tá sozinho, ou melhor, no teu caso, é sozinho, a gente pensa muito em bobagem.

**RIVAL** - Mas o que é que tu sabe da minha vida pra dizer isso?

**DONO DA BARBEARIA** - Tu me desculpa, mas tu só chegou aqui, vivo, graças a mim.

**RIVAL** *(rindo)* - Ah, essa é boa.

**DONO DA BARBEARIA** - E não é verdade? Quem é que te escondia dos milicos? Quem é que arriscava se danar por tua causa?

**RIVAL** - Tem muita coisa que tu não sabe sobre mim e que eu...

**INTRUSO** *(segurando o Rival)* - Não.

*(O Rival e o Intruso se olham.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Mas a vida é assim mesmo. Quando a gente vira as costas, todo mundo apunhala a gente. É que punhalada de amigo dói mais.

**RIVAL** - E da mulher?

**DONO DA BARBEARIA** - Engraçado. Quando a gente fica velho, a gente nem se lembra mais quando é que a gente começou a gostar da mulher da gente. Ou se é que gostou algum dia.

**RIVAL** - Tu vai acabar perdendo a tua mulher.

**DONO DA BARBEARIA** - Já perdi há muito, mas muito tempo.

**RIVAL** - Nunca teve ela. Isso sim.

*(O Dono da Barbearia olha para o Rival intrigado. Pausa longa.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Eu...hoje é dia dos pais, não é?...Às vezes eu sinto muita falta do meu pai...eu vou pagar umas contas. *(Sai pra sala do fundo.)*

**RIVAL** - Mas o que é que deu nele? Eu falei alguma coisa de mais?

**INTRUSO** - Tu tava fora de si. Quando a gente tá descontrolado o melhor é fechar a boca pra não dizer o que não quer.

**DONO DA BARBEARIA** (*voltando. lacônico*) - Tu toma conta pra mim. Não vou demorar. (*Sai.*)

**INTRUSO** - Parecem gato e rato, tão sempre se pegando.

**RIVAL** (*rindo*) - É mesmo?

**INTRUSO** - Nossa!

**RIVAL** - É. Paciência tem limite. Eu também tô ficando velho.

**INTRUSO** - Que bobagem. (*Arrumando o material de trabalho*) Será que não vem ninguém hoje também?

**RIVAL** (*na frente da barbearia olhando para fora*) - Sabe, eu conheço o teu chefe há muitos anos. A gente tem uma amizade...velha. Acho que em todos os sentidos.

**INTRUSO** - Só tem uma coisa que eu não consigo entender.

**RIVAL** - O quê?

**INTRUSO** - O que te fez aguentar tantos anos aqui nesta barbearia. Com certeza não pode ter sido apenas a amizade de vocês.

**RIVAL** - Engraçado. Eu ia fazer a mesma pergunta pra ti. Por que é que tu veio trabalhar aqui, com aquele baita salão ali na frente, que tem muito mais a ver contigo.

**INTRUSO** - Eu...

**RIVAL** - Tá, esquece.

**INTRUSO** (*suspira*) - Não. Eu vou te contar. Eu preciso falar pra alguém, senão eu vou explodir.

(*O Rival espera em silêncio.*)

**INTRUSO** - Eu sou gay.

**RIVAL** - Todo mundo sabe disso.

**INTRUSO** (*apontando pra cadeira do Dono da Barbearia*) - Até ele?

(*O Rival acena com a cabeça.*)

**RIVAL** - Era esse o segredo?

**INTRUSO** - Não. Tu não quer saber por que eu vim parar aqui?

**RIVAL** - Se tu quiseres me contar...

**INTRUSO** - Por causa do filho.

**RIVAL** - O ...

**INTRUSO** - É. A gente tá junto há pouco tempo. Eu na verdade não queria começar outro relacionamento porque o meu antigo namorado...ah, deixa pra lá, isso não é importante. E daí ele insistiu, eu tava desempregado. Hoje eu acho que ele tava querendo meio que se desculpar com o pai, mas através de mim, entende?

**RIVAL** (*acariciando o pano vermelho na sua cadeira*) - Engraçado.

**INTRUSO** - Não tem nada de engraçado nisso. Eu por mim já teria caído fora daqui. A bem da verdade, eu assino embaixo de tudo o que tu disse pra ele antes, esse negócio vai indo de mal a pior e eu dou uns três meses pra

fechar. Fico com pena dele, mas vou fazer o quê? Eu não tô preocupado, porque emprego eu arranjo fácil. Eu sei que eu sou bom no que eu faço.

**RIVAL** - E tu sabe por que eu tô aqui?

**INTRUSO** - Hum?

**RIVAL** - Por causa da mãe.

**INTRUSO** (*dando pulinhos de alegria*) - Ah, eu sabia, eu sabia. (*preocupado*) Mas vocês dois...

**RIVAL** - Uma vez. Inesquecível.

**INTRUSO** - Uma? Só uma?

**RIVAL** - Há muito tempo.

**INTRUSO** - E depois?

**RIVAL** - Com ela não. Só com outras.

**INTRUSO** - Puta que o pariu.

**RIVAL** - Eu acho que chegou a hora de resolver isso.

**INTRUSO** - Vai contar pra ele?

**RIVAL** - Ela tem me procurado muito ultimamente, mas eu fujo dela.

**INTRUSO** - Mas ele mesmo disse que eles não tem mais vida de casal.

**RIVAL** - Eu não sei o que fazer.

**INTRUSO** - Se precisar de alguma coisa...Sabe, eu nunca tive um pai de verdade. O meu é cabo do exército e por causa disso a intolerância é extrema. Saí de casa cedo. Nem falo com a minha família, só com a minha mãe, que eu encontro em lugares escondidos. Eu queria ter um pai pra me abraçar, pra me confortar. Às vezes me bate um medo, uma sensação de abandono muito grande. Parece que eu vou ficar sozinho pra sempre. E daí eu sinto frio. (*Começa a chorar.*) Tudo fica escuro. (*Chora mais.*)

(*O Rival vai até o Intruso e o acolhe entre os braços.*)

## **INTERMEZZO 2**

**INTRUSO** - Depois que eu contei eu me arrependi. Tudo bem que eu simpatizo com o cara e que ele demonstrou a maior confiança em mim contando da paixão recolhida dele pela mulher do outro, mas e quem garante que ele não vai abrir o bocão dele pro amigo? E daí quem se ferra sou eu. Eu já disse que eu não tô nem aí com o emprego. O problema é outro. Que merda, e eu tô botando fé nessa história, eu nunca fiquei com um cara tão especial. Mas eu tenho que ser mais positivo. Meu pai xangô, olha por mim. Falando nele, eu tinha que continuar, mas eu tenho medo de ficar sabendo de coisas que eu não quero saber. Me cago todo. Quando eu era guri eu não tinha nada a perder no meio daquela gente horrorosa, isso sem contar a mamãe, é claro. Mas hoje eu tenho coisa conquistada, não posso fazer bobagem. Mas que tem horas que dá vontade de jogar tudo pra cima, ah, tem. E o velho fica me comparando com o filho dele o tempo todo, se ele desconfiasse da verdade...Sabe que eu tenho é muita pena dele, ainda mais

depois que eu fiquei sabendo da traição da mulher dele. É, não é bem traição, mas é como se fosse, e quem me garante que o cara me contou toda a verdade? Será que ele não tava me testando pra contar tudo pro outro? (*Treme.*) Ai, meu pai, aquele serviço tá me danificando. Tá certo que eu tô juntando um dinheirinho legal pra fazer a minha faculdade de administração, porque eu não sou louco de abrir um salão sem saber como gerenciar o próprio negócio, coisa que o pai dele nunca deve ter nem pensado em fazer, mas haja saco. Todo dia o velho vem com grosseria pra cima de mim. Só não faço trabalho contra ele, porque é meu sogro. (*Ri*) Ai, que ridículo. Sogro. Com tanta roupa pra passar e eu aqui pensando naquele grosso. Já pensou se o filho fica igual ao pai quando envelhecer? Credo. Bate na madeira. Falando nisso, ele tá demorando. Onde é que será que ele tá a essas horas? Eu me sinto sozinho quando ele não vem cedo. Se ele ao menos concordasse em comprar um poodle toy pra me fazer companhia...Mas pode deixar, quando eu tiver o meu salão, falando nisso, achei muito bagaceira a cor que eles pintaram o salão da frente dessa vez, quando eu tiver o meu salão, eu vou chegar bem tarde pra me vingar e deixar ele pensando que eu tô num motel. Com outro. (*Ri.*) Que coisa mais pobre! Até parece que eu nunca saí daquela favela miserável. Esses dias eu achei o máximo quando a mamãe teve aqui e elogiou o nosso apêzinho. Credo. Isso aqui é um ovo. A bunda roça na pia quando a gente abre a geladeira. O banheiro dá prum fosso que a gente ouve todo mundo fazendo o seu cocô e o seu xixi. Isso sem falar no resto. É dose pra leão. Mas logo a gente vai prum lugar melhor. Pra isso eu preciso de grana, de muita grana. Aquela barbearia de quinta não tá dando mais mesmo. É até bom que eles se estoporem, assim eu saio de lá numa boa e ninguém (*olha para uma porta imaginária, gritando*) ninguém vai me culpar de nada! Quem sabe eu até acabe indo pra aquele salão da frente. Por uns tempos, só. Eu até que me esforcei pra dar uma levantadinha no lugar, mas o velho só me xinga: “Presunçoso”, “debochado”, “Extravagante”. E o sobrinho, então! Esse cara ainda vai me aprontar uma, eu tô sentindo, a inveja corre solta por ali. Aquela cadeira bagaceira, colada com esparadrapo, isso o tio não vê. Mas tudo bem. Eu sou mais eu. Me garanto. Se eu já levei o barco até aqui, não é isso que vai me derrubar. Vocês podem escrever o que eu estou dizendo.

### **ATO 3**

*A mesma barbearia do primeiro ato.*

*A cadeira da frente à esquerda. Várias fotos em torno do espelho em frente à cadeira. A cadeira está virada de frente para as fotos.*

*A cadeira do fundo à esquerda. Um encosto ortopédico. Um vaso com flores em cima da mesa auxiliar organizada para o trabalho.*

*A cadeira do fundo à direita. A bandeira vermelha do Internacional está enrolada na cadeira tapando os furos embaixo. Fitas vermelho e brancas pendem da cadeira. A cadeira está virada para a frente.*

*A cadeira da frente à esquerda. O material está organizado para o trabalho. A cadeira está tapada com um lençol branco e virada para a cabeça de touro.*

*No chão, próximo da cadeira do fundo à direita, um molho de chaves e uma caixa de preservativos.*

*O Intruso está de pé no meio do palco, olhando para o quadro da mulher do Dono da Barbearia que está pendurado no centro ao fundo.*

*Depois de algum tempo, o Sobrinho chega visivelmente bêbado. O Intruso se vira para observá-lo. O Sobrinho hesita antes de juntar as chaves e a caixa de preservativos do chão. O Sobrinho larga os objetos na cadeira do fundo à direita e se apoia nela. Pega a caixa de preservativos e mostra para o Rival.*

**SOBRINHO** - Tá vendo como eu sou um cara cuidadoso?

**RIVAL** - Tu já pensou se em toda a tua vida tu tivesse trepado só uma vez. Uma vezinha. E essa trepada tivesse sido a melhor coisa que tivesse acontecido pra ti.

**SOBRINHO** - A-há! Eu não ia conseguir me segurar. Eu ia querer experimentar de novo.

**RIVAL** - Se esse momento ficasse gravado na tua cabeça feito um filme e esse filme tu seria obrigado a assistir todo o dia. (*Pausadamente*) Todo o santo dia.

**SOBRINHO** - Mas se foi bom eu ia gostar de ver o filme esse...quer dizer... eu ia querer fazer esse filme, né...

**RIVAL** - Não. Eu vou mudar um pouco a história. Não foi a única trepada da tua vida. Mas a única com uma certa mulher. Com a mulher certa.

**SOBRINHO** - Pra mim não tem isso de mulher certa. Tudo que é mulher é certa. (*Ri.*) Quer dizer, tem uns tribufu que não dá pra encarar...mas na hora do bem bom vai qualquer coisa mesmo...

**RIVAL** - A gente tinha tomado um café perto da catedral. O sol forçava a busca por um esconderijo. Como os jardins dos reales alcazares tavam logo ali, escapamos pra lá.

*O Sobrinho arruma a sua mesa de trabalho com dificuldade.*

**RIVAL** - Tava cheio. Parecia que toda a Sevilha tinha resolvido ir pra lá. Agosto. Calor infernal. Sentamos na grama. A gente não desgrudava o olho um do outro. A gente não aguentava mais. Não sei o que é que a gente tava esperando.

**SOBRINHO** (*olhando pro relógio*) - Hoje eu cheguei bem cedo. Tu é a minha testemunha. Por isso eu acho que eu tenho todo o direito de sair mais cedo também.

**RIVAL** (*olhando pro quadro*) - De repente eu peguei na mão dela e a gente saiu correndo. Passamos pela fábrica de tabacos e cruzamos o Guadalquivir. A água refletia a luz do sol. Cegava. E a gente cego de desejo um pelo outro. A carne fervilhando. Entramos correndo no hotel e adeus casamento, amizade. A gente queria um ao outro.

**SOBRINHO** - Deve ter sido uma puta trepada. Trepada de cara inteligente deve ser diferente das minhas.

**RIVAL** - Uma trepada é sempre uma trepada. Trepada com desejo é eterna. O que é bom dura pouco. Por quê? Porra. Porra. Porra!

**SOBRINHO** - Tu não acha que eu tenho o direito de sair mais cedo também?

**RIVAL** (*segurando o Sobrinho pelos dois braços com força*) - Tu não entende que eu tô fudido? O desejo é uma coisa animal que vai consumindo a gente e ou a gente satisfaz ele e destrói alguma coisa ou a gente se encolhe e murcha, morre, desaparece. E eu não quero mais desaparecer.

*O Rival fica encarando o Sobrinho por um tempo. O Rival se constrange e solta o Sobrinho. O Rival vai até a cadeira da frente à esquerda e começa a colocar as fotos penduradas dentro de uma caixa.*

**SOBRINHO** - Sabe que a minha tia e o meu primo, o filho do nosso chefe, teu colega de anos a fio, também gostavam muito de viajar?

*O Rival deixa cair a caixa. As fotografias se espalham pelo chão. O Rival se ajoelha e junta as fotografias. O Sobrinho observa de pé.*

**SOBRINHO** - Mas o meu tio nunca gostou de viajar. Ela ia sempre sozinha

**RIVAL** (*ajoelhado*) - Tu tá pisando na minha fotografia. Tira o pé.

*O Intruso chega com um buquê de flores. O Intruso para estarrecido com a cena.*

**RIVAL** (*levantando-se*) - Elas...caíram.

*O Rival bate nos joelhos para se limpar. O Intruso junta uma fotografia que está perto dele e entrega para o Rival. O Intruso e o Rival se olham. O Rival sai cabisbaixo para a cadeira da frente à esquerda e coloca a caixa na sua mesa auxiliar. O Intruso vai para a cadeira do fundo à esquerda. O Intruso coloca as flores na sua mesa auxiliar.*

**SOBRINHO** - Hum...pra quem, hein?

**INTRUSO** - Pruma pessoa que gosta muito de mim.

*O telefone toca. Ninguém atende. O telefone toca de novo. O Rival sai para a sala do fundo.*

**SOBRINHO** - Tu vai ter que segurar as pontas hoje, porque eu cheguei bem cedo e vou precisar sair antes.

**INTRUSO** (*em voz baixa*) - Hum. Hoje?

*O Intruso pega uma vassoura e começa a varrer perto da sua cadeira. O Rival volta.*

**RIVAL** (*com pressa*) - Eu me esqueci de buscar a espuma que a gente tinha encomendado. Ele tá puto.

*O Rival sai.*

**SOBRINHO** (*observando o Intruso varrer*) - Varre aqui também, ó.

**INTRUSO** - Mas tu é muito folgado mesmo.

**SOBRINHO** - Ou tu tá achando que isso é serviço de macho? Já que a gente não tem faxineira, esse troço tá indo de mal a pior, sobra pra quem limpar?

*O Intruso termina de limpar e joga a vassoura pro Sobrinho. O Sobrinho não consegue segurá-la no ar. A vassoura cai no chão.*

**SOBRINHO** - Vai querer quebrar a barbearia também? Já não chega ficar roubando a minha clientela?

*O Intruso olha pro Sobrinho e sai pra sala do fundo.*

**SOBRINHO** (*berrando pra sala do fundo*) - Olha aqui, ó, se a gente tá tudo na merda o principal culpado é tu, viu!

**INTRUSO** (*voltando*) - Tu viu a cafeteira?

**SOBRINHO** - Não te faz de desentendido que até mandar os clientes pra esse salão aí da frente tu tá mandando.

**INTRUSO** - Credo, parece o tio falando.

**SOBRINHO** - Olha aqui, ô viado...

**INTRUSO** - Se eu sou viado o problema é meu e de mais ninguém! E tem mais. Se tu é tão contra viado assim, porque tu não diz isso lá pro teu pai-de-santo. Hein? Porque a bicha velha vai gostar de ouvir isso. (*Vai pra sua cadeira. Para. Se vira.*) E Pai Xangô também.

**SOBRINHO** (*assustado*) - De onde é que tu conhece o meu pai-de-santo...

**INTRUSO** - Eu conheço muito coisa que tu não tem nem ideia. E eu acho bom tu ficar tirando essas guias da tua cadeira porca porque o teu serviço é porco e imundo e o Pai Xangô deve ter é vergonha do filho dele.

**SOBRINHO** (*arrancando as fitas vermelho e brancas da cadeira do fundo à direita*) - Tá bom. Tá bom. Mas me diz de onde tu conhece o meu pai-de-santo.

**INTRUSO** - Eu tô nessa de religião há muito mais tempo do que tu, meu filho. Eu nasci dentro dum terreiro. Cresci ali. Recebendo. E não tenho vergonha disso. Não preciso esconder de ninguém.

**SOBRINHO** - Tá, desculpa. Eu já disse. Só não faz sujeira comigo. Deixa o Pai Celso fora disso.

**INTRUSO** - E tem outra coisa. (*Indo até o Sobrinho.*) Quem tá demolindo com essa barbearia é tu e o teu tio. Se tu tivesse vergonha na cara tu juntava os teus trapos, essa tua bandeira fedorenta (*cheira a bandeira*) que tu nunca lavou, e te mandar daqui pra nunca mais aparecer. Se o filho dele é a vergonha dele, tu é a humilhação. E o dia que ele reconhecer isso vai ser um Deus nos acuda.

*O Intruso vê uma foto caída. O Intruso junta a foto.*

**SOBRINHO** - Pelo amor de deus, não me sacaneia. Se eu for mandado embora, eu não tenho onde cair morto. Eu sou legal com a minha mulher. Até um pacote de camisinha eu carrego comigo. E depois tem as crianças. Quando tu tiver os teus tu vai ver. O meu tio não precisa saber de nada. Eu



vou melhorar. Eu prometo. Eu até nem preciso mais sair mais cedo hoje. Eu saio por último. (*Indo pegar a vassoura.*) Eu posso até varrer a barbearia. *O Intruso olha para o Sobrinho com desdém. O Intruso guarda a foto na caixa do Rival.*

**SOBRINHO** (*varrendo a barbearia e choramingando*) - Pô, me desculpa. Eu tava brincando quando eu te chamei de vi...daquilo. É que eu tenho sangue espanhol que nem meu tio. Eu digo as coisas sem pensar.

**INTRUSO** - Mas eu já tô por aqui desse sangue espanhol de vocês. E o primeiro que vier pra cima de mim...eu não sei do que eu sou capaz.

**DONO DA BARBEARIA** (*entrando*) -...então que use um outro nome. Mas não o meu.

**RIVAL** (*entrando atrás do Dono da Barbearia*) - Mas é o único nome que ele tem!

**DONO DA BARBEARIA** - Mas não me interessa. Esse é o meu nome. Que invente um nome, sei lá. (*Percebendo o Sobrinho com a vassoura na mão.*) E o que é que está acontecendo aqui?

**SOBRINHO** - Bom dia, tio. Eu tava dando uma arrumada, porque eu sei que a clientela gosta de lugar limpo, e o senhor também, né? Principalmente.

**DONO DA BARBEARIA** - Tu nem imagina o que aquele traste do teu primo fez. O que ele teve a coragem de fazer. (*Vai até as fotos do seu pai e avô em frente à cadeira da frente à direita.*) Manchou o nosso nome, a nossa honra.

**INTRUSO** - O que é que houve?

**DONO DA BARBEARIA** (*surpreso*) - Isto é assunto de família e não te diz respeito.

**INTRUSO** - Ele tem todo o direito de usar o nome. Afinal é dele também. Tão dele quanto do senhor.

*O Dono da Barbearia olha indignado para o Rival.*

**SOBRINHO** - Esse cara tá passando dos limites. Aproveitando que o senhor tá tão indignado assim com o meu primo, acho que o senhor tem que saber de uma coisa, se é que já não sabe.

*(O Rival faz menção de ir até o Sobrinho. O Rival para com a fala do Sobrinho.)*

**SOBRINHO** - Eu vou falar, sim. O tio tem que saber. Se a barbearia vai mal é por culpa dele. E essa história de corte diferente, cliente indo embora, xampu colorido, tudo isso tem uma razão. É porque o nosso amigo aí é viado. *Silêncio constrangedor. O Dono da Barbearia esconde o rosto nas mãos. O Intruso olha com fúria para o Sobrinho. O Rival olha para o Intruso e vai até o Dono da Barbearia.*

**INTRUSO** - Eu vou no banco pagar umas contas. (*Sai.*)

*O Rival coloca uma mão no ombro do Dono da Barbearia.*

**DONO DA BARBEARIA** (*dando um salto*) - Eu não mereço isso. Isso não pode estar acontecendo comigo. É um castigo, só pode ser.

**SOBRINHO** (*se aproximando do Dono da Barbearia*) - Tio, vamos por pra fora esse cara. Ele não vale nada.

**DONO DA BARBEARIA** - E esse cheiro. Bebeu? Não é só dele que eu tô enojado. É de ti também. Porque tu era a minha última esperança. A última, ouviu? E a cada dia só me decepciona mais. Saiu igual ao teu pai, aquele velho pingüço. Que Deus o tenha. Eu tenho raiva de quem bebe, raiva, ouviu bem!

*O Sobrinho vai se afastando do tio.*

**DONO DA BARBEARIA** - Olha só essa cadeira esfarrapada. Eu nunca consertei de propósito, porque eu tinha a ilusão, a ilusão de que tu ia te aprumar. (*Olha pro Rival.*) Eu infelizmente tenho que dar o braço a torcer que esse cachaceiro não vale nada mesmo. Não tem um cliente teu que saia satisfeito daqui. Dos que sobraram, é claro.

**SOBRINHO** (*com voz baixa*) - Eu vou melhorar, tio, eu prometo.

**DONO DA BARBEARIA** - Que vai melhorar nada, deixa de ficar me enrolando. Tu pelo menos tem o sangue mesclado, não é puro, isso me deixa mais aliviado.

*O Dono da Barbearia vai pra sala do fundo.*

**RIVAL** - É. A tua hora ia chegar. Mais cedo ou mais tarde.

*O Sobrinho se encolhe na cadeira do fundo à direita e se vira de costas para o público.*

**DONO DA BARBEARIA** - E por falar em sangue espanhol, a mulher vai ir pra Espanha de novo.

*O Rival se empertiga.*

**DONO DA BARBEARIA** - Não sei o que tanto ela gosta daquele país. (*Para o Rival*) Ficou a semana toda falando de Sevilha. Sevilha pra cá e Sevilha pra lá.

**SOBRINHO** - Tio, se o senhor quiser...

**DONO DA BARBEARIA** - Cala essa boca! Eu não quero ouvir a tua voz tão cedo. (*Para o Rival*) E tu sabe mais o que foi que ela me disse. (*Vai até o Rival. De frente para ele.*) Que preferia ir contigo em vez de ir comigo. Se tivesse que escolher.

*Silêncio.*

**DONO DA BARBEARIA** - E sabe o que foi que eu respondi?

**RIVAL** (*engolindo em seco*) - Não...

*Pausa curta.*

**DONO DA BARBEARIA** - Então, vai.

*Pausa curta. Os dois se olham.*

**RIVAL** - Eu... nós dois...

*O Rival olha pra fora da barbearia. O Dono da Barbearia acompanha o foco do Rival. O Dono da Barbearia enxerga o Intruso saindo da barbearia da frente.*

**DONO DA BARBEARIA** - Eu sabia. Eu sabia.

*O Rival e o Dono da Barbearia olham o Intruso se aproximar e entrar na barbearia. O Intruso vai até a cadeira do fundo à esquerda.*

**DONO DA BARBEARIA** *(Com um sorriso de satisfação. Para as fotos dos eu pai e avô)* - Eu vou fazer uma coisa que eu venho querendo fazer há horas. Pra limpar o nome de vocês e do nosso estabelecimento.

*O Intruso e o Rival olham para o Dono da Barbearia. O Sobrinho se vira sentado na cadeira e olha para o Dono da Barbearia.*

**DONO DA BARBEARIA** *(para as fotos)* - E vocês se preparem, porque isso é só o começo. *(Indo até o Intruso.)* Você está despedido. *(Volta para a sua cadeira e começa a fazer a espuma de barba.)*

**INTRUSO** - O senhor está querendo me por pra rua, é isso?

**DONO DA BARBEARIA** *(pro Rival)* - Eu não fui claro? Fui ou não fui?

**INTRUSO** - Eu estou sendo despedido por que razão?

**DONO DA BARBEARIA** - Não interessa. Por nenhuma em especial. Ou melhor. por todas.

**INTRUSO** - Todas?

**DONO DA BARBEARIA** - É.

**INTRUSO** - Por ser gay, por exemplo?

**RIVAL** *(cortando o Dono da Barbearia)* - Espera um pouco. Ele tá nervoso, se precipitou. *(pro Dono da Barbearia)* Quem sabe a gente sai pra espairer um pouco e depois...

**DONO DA BARBEARIA** - Depois o que? Depois eu mando ele embora de novo?

**INTRUSO** - Tu vai ter que me desculpar, mas eu não entendo isso. Esse homem é um bárbaro e ainda por cima tu...

**RIVAL** - Rapaz, eu não te dei o direito de...

**INTRUSO** - Não deu, mas vai acabar se estrepando. Eu não preciso dessa merda desse emprego. Eu tô aqui por causa...

**RIVAL** - Para. *(Pro Dono da Barbearia)* Vem, vamos pegar um ar, tu tá exaltado...

**INTRUSO** *(perdendo a paciência)* - Isso é o fim da picada! Tu trata ele como se ele fosse o teu filho, pra que proteger ele, ele não precisa disso. *(Segura o braço do Rival.)* Tu não tem mais a vida toda pra poder pensar o que é que é certo e o que é que é errado. Se tu não for atrás agora, tu vai ir quando? A pior coisa é o que tu tá fazendo. O importante é tu!

**DONO DA BARBEARIA** - O que é que tá acontecendo aqui? Eu te despedi, meu filho.

**INTRUSO** - Eu estou falando com o meu amigo e não com o senhor, por isso com licença. *(Vira de costas para o Dono da Barbearia.)* Felicidade é uma coisa que...

**DONO DA BARBEARIA** - Fora! Sua bichinha perfumada, viado infeliz, quando eu tiver de volta eu não quero mais sentir o teu cheiro. Entendeu bem?

*O Dono da Barbearia sai apressado da barbearia. O Rival olha atônito para o Dono da Barbearia se afastando e olha para o Intruso.*

**RIVAL** - Eu não posso deixar ele sozinho. Não agora.

*O Rival sai apressado.*

**INTRUSO** (*olhando os dois se afastarem*) - Foi assim que o meu pai fez comigo. Meu pai. Aquilo não era um pai. Era qualquer coisa.

*O Intruso fica olhando para fora. O Sobrinho se vira lentamente na cadeira empinando uma garrafa pequena de cachaça. O Sobrinho se levanta da cadeira e se aproxima do Intruso.*

**SOBRINHO** - Olha...

*O Intruso se vira.*

**SOBRINHO** - Eu tô muito envergonhado do que eu fiz. Pra falar a verdade não tô conseguindo nem ficar de pé. Bebi demais. Dá pra notar?

**INTRUSO** - Imagina.

**SOBRINHO** - O meu tio foi muito duro contigo. Não precisava tanto. Fiquei até com pena.

**INTRUSO** - Não precisa ter pena de mim. Eu me garanto.

**SOBRINHO** - Eu tô precisando... falar com alguém. Tô me sentindo uma merda. Acho que eu dancei.

*O Sobrinho tropeça e o Intruso abraça-o.*

**SOBRINHO** - Se eu perder esse emprego, minha mulher vai me chutar de casa. Eu não vou ter onde dormir.

**INTRUSO** (*pensativo*) - E isso seria a maior humilhação pra ti?

**SOBRINHO** - Não. A maior não.

**INTRUSO** - E qual seria a maior humilhação pra ti?

**SOBRINHO** - A maior humilhação?

**INTRUSO** - É.

**SOBRINHO** (*rindo*) - Ah, seria trepar com um homem, por exemplo.

**INTRUSO** (*triumfante*) - Tu não te preocupa, que eu não vou deixar que o teu tio te mande embora. Deixa eu te levar prum lugar aqui perto pra tu te recuperar dessa bebedeira. Tu vai gostar. Eu sei. Eu tenho certeza que tu vai gostar muito disso.

*O Intruso carrega o Sobrinho para fora da barbearia com um sorriso de triunfo.*

### **INTERMEZZO 3**

**RIVAL** - Foi por pouco. É, dessa vez eu escapei por pouco. (*Pensativo*) Mas escapei do quê? Porra, quando é que eu vou parar de ficar me enganando, essa protelação constante. Idiota. Idiota. (*Pausa.*) E ela apareceu. Finalmente. Quem diria, hein? Se Maomé não vai à montanha...meu pai já gostava muita dessa. Pobre do velho. Bem que ele tentou lutar, mas com aquele monstro reacionário casado com ele...ó, já tô eu querendo fugir da raia de novo. Deixa

o velho em paz. Onde ele tiver. Eu tava falando dela. Da mi...da mulher que eu quero. Da mulher que eu amo. Amo. Palavra vazia. Amo. E daí. Daí que era uma sexta-feira, tudo sempre acontece nas sextas-feiras, eu tava no laboratório revelando umas fotos quando eu ouvi a campainha. Ninguém nunca vai lá em casa, por isso eu não me importei. Quando eu ouvi pela segunda vez, eu pensei, é ele. Sequei as mãos no primeiro pano que eu enxerguei e fui rápido pra espiar no olho mágico. Alívio. Alívio? Tava ali a mulher que eu tava querendo há quarenta anos e não me resolvia! Ela não tinha tocado uma terceira vez. Será que tinha achado que não tinha ninguém em casa e resolvido ir embora? Eu não tinha coragem de espiar pela porta mais uma vez. Tinha impressão que ela me enxergava. Mas eu tava tremendo. Tinha que olhar. Aproximei o olho bem devagar. O ferro do olho mágico queimava a parte do rosto que encostava nele. Ela ainda tava ali. E como é linda, eu pensei. (Pausa.) Chega de palhaçada. Virei a chave. Puxei a porta. Trancada. Que mania de passar a chave duas vezes na porta. Virei ela de novo. Pus a mão na fechadura. O telefone tocou. Hesitei. Porra, esse telefone nunca toca. Olhei pra porta. Abri. Meu deus. Eu nem acredito em deus, mas naquela hora qualquer um acreditaria. Ela me olhava segurando a bolsa com as duas mãos. Tem uma idade da mulher em que o rosto dela está marcado pelas rugas e pelo cansaço das cabeçadas da vida, mas do olho sai uma força que magnetiza e derruba qualquer um mais atento. E eu tava muito atento. Daí me dei conta que o telefone continuava a tocar. Corri pra atender. Não acreditei: era o marido dela. Morto. Encontrado morto. Quem? Não conseguia entender direito. Ela parada no portal da porta. Eu pensava em Sevilha. Na cor da água do Guadalquivir. No nosso hotel. Quem, eu repeti. O meu sobrinho, ele disse. A voz dele tava baixa, quase desaparecia. Não parecia ele. Ela me olhava. A sombra em volta dos olhos realçava a cor dos olhos. Fiz sinal pra ela entrar. Eu precisava ir ao encontro dele, ele dizia. Virei de costas pra ela pra poder me concentrar. O sobrinho tinha sido encontrado enforcado na barbearia. Um pano vermelho. A polícia tava lá. Eu tinha que ir. Tudo bem. Desliguei. Eu virei pra ela. Ela olhava pro pôster gigante dela na parede. Fiquei sem jeito. O momento era aquele, mas dizer o quê? Qualquer coisa ia estragar tudo, ela ia desaparecer num passe de mágica. Aquela mulher na minha sala, na minha frente e o outro pendurado dentro da barbearia. Miserável. Eu vou ter que sair, mas tu fica, eu volto logo, coisinha rápida, imprevisto, tem água mineral na geladeira, com gás que eu sei que tu gosta, fica à vontade, a casa é tua, vou pegar um casaco, senta, que senta nada, vem cá, eu te quero, eu sou louco por ti, o que é que a gente tá esperando esses anos todos, agora ninguém mais nos separa, vida, luz, boca, delírio. (Pausa.) Quando eu voltei da barbearia, depois que a gente resolveu tudo com a polícia, eu voltei. A mãe do rapaz tava inconsolável. As crianças, pobrezinhas. Eu tive que inventar qualquer bobagem, já nem sei mais o que eu disse. Só não podia levar ele pro meu apartamento. Nunca

tinha levado. Paciência. Amizade tem limite. Eu abri a porta. A sala vazia. Vasculhei o apartamento. Nada. Tinha ido embora. Voltei pra sala e percebi que ela tinha deixado água dentro do copo. As bolhas se soltavam do fundo e subiam até a superfície numa corrida engraçada. A vida era engraçada. E sentado na almofada na qual ela tinha sentado também e a gente tinha feito amor, eu tomei uma decisão muito importante: eu ia contar pra ele.

#### **ATO 4**

*A mesma barbearia do primeiro ato.*

*As cadeiras do fundo, à esquerda e à direita estão viradas para trás na diagonal. Ambas estão sem a mesinha auxiliar. Sobre a cadeira do fundo à esquerda uma caixa e duas sacolas coloridas.*

*A cadeira da frente à esquerda. O número de fotos em frente à cadeira aumentou bastante desde o último ato. Um pano vermelho sobre a cadeira. Na mesa auxiliar um copo com água e uma navalha mergulhada dentro dele. A cadeira da frente à direita. A mesa auxiliar está desorganizada. Alguns produtos sem tampa. Um copo com água. Revistas na mesa auxiliar.*

*Várias caixas pardas empilhadas no fundo da cena.*

*Na parede apenas o retrato de mulher.*

*O Dono da Barbearia lê o jornal sentado na sua cadeira de barbeiro. O Rival olha para fora da barbearia de pé junto ao proscênio. O Rival está inquieto.*

**DONO DA BARBEARIA** *(sem tirar os olhos do jornal)* - Todos foram avisados?

*(O Rival vai até a sua cadeira, pega a navalha do copo, seca-a num pano e olha pro retrato de mulher.)*

**RIVAL** - Foram. Esse é o único que vai ficar?

**DONO DA BARBEARIA** *(sem tirar os olhos do jornal)* - Eu não pretendo levar comigo. O que importa eu já tirei.

**RIVAL** - Os chifres...

**DONO DA BARBEARIA** - A cabeça de touro eu pendurei na minha sala de televisão. *(Olha para o Rival)* Agora que eu...

**RIVAL** *(apressadamente)* - E a estátua do santo?

*(Os dois e olham por um curto tempo.)*

**DONO DA BARBEARIA** *(se recostando na cadeira)* - Eu não sabia pra quem dar. A mãe dele é católica, como reza a tradição da família espanhola. A mulher, aquela pobre coitada, é daquela outra religião. Podia ter largado nas coisas do nosso *(olha para o salão de beleza americano no outro lado da rua)* concorrente.

**RIVAL** - Foi um choque pra família dele.

**DONO DA BARBEARIA** - Foi o fim definitivo da barbearia, meu amigo. Depois daquele dia eu percebi que nada mais ia ser como antes.

**RIVAL** - Mas tu sabe muito bem que as coisas já andavam de mal a pior, e ele não ia ser a salvação.

**DONO DA BARBEARIA** - Não. É uma sensação muito diferente. (Ri.) Uma tranquilidade. Uma sensação de fim. De missão cumprida.

**RIVAL** - Eu nem consigo acreditar no que eu tô ouvindo. Tu não é o cara que eu conheci há muito tempo atrás e que me escondia da polícia na casa da praia.

**DONO DA BARBEARIA** - Da mesma forma tu não é mais o cara que eu escondia da polícia na casa da praia do meu pai. E tu já não é mais o mesmo muito antes de eu ter me tornado este outro que tu fala.

**RIVAL** - O chimarrão tá empacotado também?

**DONO DA BARBEARIA** - Apesar disso eu fico muito triste. Eu tenho certeza que o meu pai e o meu avô devem estar muito decepcionados comigo, porque eu não consegui levar adiante este estabelecimento...

**RIVAL** - Ah, para com isso, tu sabe muito bem que...

**DONO DA BARBEARIA** - ...não consegui convencer o meu filho a continuar aqui do meu lado, e a minha última esperança...um belo dia dou de cara com ele pendurado...

**RIVAL** (*vai até o Dono da Barbearia e segura -o pelos ombros*) - Olha, eu tava olhando o retrato e me lembrei duma coisa que eu vi na Capadócia, numa das minhas viagens. Lá nas cavernas, os cristãos pintaram muitos afrescos nas paredes. Quando a região foi conquistada pelos muçulmanos, os olhos das figuras foram todos riscados, porque eles achavam que o olhar tem um poder muito grande que devia ser destruído a qualquer custo.

**DONO DA BARBEARIA** - Engraçado, tem uma mulher sentada no café lá da esquina que se parece com a ...ela não para de olhar pra cá e pro relógio dela. Deve ter um encontro marcado com alguém.

(*O Rival avança até a frente da barbearia e fecha os olhos.*)

**DONO DA BARBEARIA** - Bobagem. Deve ser uma puta. E uma puta velha. As putas andam ficando cada vez mais velhas.

(*O Rival abre os olhos.*)

(*O Dono da Barbearia vai buscar uma caixa. Ele coloca a caixa na sua cadeira. Começa a guardar o material que está sobre a mesa auxiliar do lado da sua cadeira.*)

**RIVAL** - Mas e se vier alguém?

**DONO DA BARBEARIA** - E a tua?

(*O Rival observa a cena atônito.*)

**DONO DA BARBEARIA** - A minha mulher foi embora de casa. Finalmente.

**RIVAL** - Embora? Assim, no mais? De uma hora pra outra?

**DONO DA BARBEARIA** - Tu sabe melhor do que ninguém o que acontecia entre nós dois.

**RIVAL** - Eu? E por que eu?

*(O Dono da Barbearia e o Rival se olham.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Porque tu és o meu melhor amigo.

**RIVAL** *(indo pra sua mesa auxiliar mexer na navalha)* - E...onde ela tá agora?

**DONO DA BARBEARIA** - Com o cara dela. Ela arranjou um macho pra ela. Aquela lá não aguenta muito tempo sozinha.

**RIVAL** - Um cara.

**DONO DA BARBEARIA** - Eu fico bem contente de estar sozinho agora naquela casa sem ninguém pra me incomodar. Sem mulher e sem filho. Se é que algum dia eu tive algum dos dois.

**RIVAL** - E tu conhece esse cara?

**DONO DA BARBEARIA** - E qual a diferença que ia fazer se eu conhecesse? Deve ser um cafajeste da mesma laia dela. Ou então um trouxa pra agüentar ela. Sim, porque agora que ela experimentou o gostinho da traição, ela vai pular de galho em galho.

**RIVAL** - Olha...

**DONO DA BARBEARIA** - Por que é que tu fica o tempo todo com esta navalha na mão? Ladrão não vai entrar aqui.

**RIVAL** - Eu tenho que te contar uma coisa.

**DONO DA BARBEARIA** - Eu já tô cansado de ouvir as coisas que as pessoas me contam, ou pior, que me fazem. Acho que uma esposa adúltera, um filho homossexual e um sobrinho suicida já é o suficiente. Não é? Não acha? Tu não acha?

**RIVAL** - Mas eu não posso ficar levando em consideração tudo o que acontece ao meu redor e não tem nada a ver comigo pra ter que adiar mais uma vez...

**DONO DA BARBEARIA** - Então a morte do meu sobrinho e o desvio do meu filho não te dizem respeito? O fim desta barbearia que a gente lutou tantos anos pra botar de pé não tem nada a ver contigo?

*(Pausa tensa.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Ele era meu sobrinho, apesar de tudo. Foi bem aqui que ele tava. Parecia um daqueles pedaços de carne de açougue. Eu falo assim, mas me dói. *(Pro Rival.)* Eu sei que pra muita gente eu sou uma pedra, um monolito, como dizia o outro, mas eu sofro igual a todo mundo, só que pra isso eu não preciso sair gritando aos quatro ventos.

**RIVAL** - O cara que...esse cara que tá vivendo com a tua mulher...

**DONO DA BARBEARIA** *(agressivo)* - O que é que tem, tu conhece ele?

**RIVAL** - Esse cara, que te roubou ela...

**DONO DA BARBEARIA** *(agarrando o Rival pelo colarinho)* - Fala, seu filho da puta, tu conhece ele ou não conhece?

**RIVAL** *(berrando)* - E se eu conhecesse, que diferença faria?

*(O Dono da Barbearia larga o Rival e vai pra sua cadeira. O Rival vai atrás dele.)*



**RIVAL** - Hein? Pra que saber, pra se sentir mais corno ainda?

*(O Dono da Barbearia joga a caixa sobre a sua mesa auxiliar no chão. O Rival olha para o material caído e espalhado no chão.)*

**RIVAL** *(juntando o material)* - Não, não é isso. Tá tudo errado. Não é assim que tem que ser. *(Sentado sobre os joelhos.)* E por que é que tem que ser?

**DONO DA BARBEARIA** - Tem que ser o quê? Eu sabia que ela ia ir embora. Mais cedo ou mais tarde.

**RIVAL** - E acabou indo tarde.

**DONO DA BARBEARIA** - Tarde?

*(O Intruso entra. Olha para o Rival e depois para o Dono da Barbearia.)*

**INTRUSO** - Boa tarde.

**DONO DA BARBEARIA** - Cuida disso. Eu volto quando tiver acabado.

*(O Dono da Barbearia sai para o lado oposto do café onde a mulher está sentada.)*

**INTRUSO** - Não adianta. Nunca vai mudar. Tem que terminar sozinho mesmo.

**RIVAL** - Como é que tá lá?

**INTRUSO** - No salão? Bárbaro. Em pouco tempo eu fiz tudo o que ele nunca me deixava fazer aqui: eu corto, aparo, rapo, pinto, faço o que eu quiser. Minha clientela tá enorme. Tô bem contente.

**RIVAL** - Que bom.

**INTRUSO** - E vocês tão juntos, não tão?

**RIVAL** - A barbearia tá fechando, tu não sabia?

**INTRUSO** - Não, bobinho, tu e... *(olhando pro retrato)* ...ela.

**RIVAL** - Por quê?

**INTRUSO** - Tu acha que eu sou bobo ou o quê?

**RIVAL** - Quem disse?

**INTRUSO** - Tá, deixa pra lá. Problema é teu e tu resolve. Eu já disse pro meu que eu vou contar tudo pro velho, agora eu não preciso mais esconder nada, afinal de contas, já tô fora daqui mesmo e esse carma da barbearia tá se fechando.

**RIVAL** - Vai contar? E o que é que o filho dele acha disso?

**INTRUSO** - Tá a fim de encarar também. Chega de mentir, eu não aguento mentir, me faz mal, fico com enxaqueca, gases, mau-humor. E eu sou uma pessoa livre, não tenho medo de ninguém. Eu quero viver a minha vida! Bom, chega de discurso, deixa eu pegar as minhas coisinhas, tá tudo aqui, né?

*(O Rival concorda com a cabeça.)*

*(O Intruso olha para o Rival e larga os pacotes de volta sobre a cadeira do fundo à esquerda. Ele vai até o Rival.)*

**INTRUSO** - Eu sei que eu não tenho nada a ver com isso, e tu tem idade pra ser o meu pai, mas quer saber de uma coisa?

*(Pausa curta.)*

*(O Intruso volta para a sua cadeira, pega os pacotes e sai sem olhar para o Rival.)*

*(O Rival fica olhando em direção ao café da esquina.)*

**DONO DA BARBEARIA** *(entrando)* - Ela continua lá.

**RIVAL** - Quem?

**DONO DA BARBEARIA** *(juntando as suas coisas da caixa espalhadas no chão)* - Aqui ninguém me engana. Eu ainda sou o dono deste lugar.

**RIVAL** - Mas eu nunca fiz isso por mal.

**DONO DA BARBEARIA** - Fez o quê? Eu tô falando deste vigarista que acabou de sair daqui. Até que foi rápido. *(Larga a caixa na sua cadeira. Vai supervisionar a cadeira do fundo à esquerda.)* Levou tudo, eu espero. Que quando este prédio venha abaixo, que nada dele esteja junto. Ainda mais que eu enterrei as fotos do papai e do abuelo naquela laje que tá solta na salinha de trás.

**RIVAL** - Fez o que?

**DONO DA BARBEARIA** - Fez o quê foi o que eu perguntei pra ti antes. *(encara o Rival.)* Tu tá querendo me dizer alguma coisa. O que é, hein?

**RIVAL** - Eu não sou eu.

**DONO DA BARBEARIA** - Bom, então antes que tu comece, por que pelo jeito vem coisa pesada por aí, eu vou me sentar nesta tua cadeira, olha, nunca tinha me sentado neste pano vermelho, faz de conta que é uma homenagem, homenagem ao Dono da Barbearia, ao rei, rei deposto. *(Pausa curta.)* Vamos, o que é que tá esperando. Vem me barbear. Que seja a última.

**RIVAL** - Última?

**DONO DA BARBEARIA** - Quando tu era mais novo, no tempo da militância mais ...consistente, vamos dizer assim, eu sabia direitinho quando tu ia começar a filosofar. Eu via tudo na primeira frase. Uma coisa que eu ficava sem entender, mas fazia de conta que entendia pra deixar tu continuar e ver aonde a coisa ia dar. Vem cá, vai me deixar aqui com esse pano amarrado no pescoço?

**RIVAL** - Tô cuidando a tal mulher do café. A mulher misteriosa. A puta.

**DONO DA BARBEARIA** *(rindo)* - Te interessou, né? Eu sabia. Tu sempre foi chegado numa puta. As mulheres decentes te cansam.

**RIVAL** - Tem muita coisa que me cansa.

**DONO DA BARBEARIA** - Então vê se faz de uma vez o que tu tem pra fazer.

*(O Rival mexe a navalha no copo d'água por um tempo.)*

**DONO DA BARBEARIA** *(grave)* - Ela ainda tá lá?

**RIVAL** - Hu-hum.

**DONO DA BARBEARIA** - Eu sempre soube de tudo.

*(O Rival começa a barbear o Dono da Barbearia com o maior cuidado.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Eu sempre soube que o meu filho vivia com esse sujeitinho que acabou de sair daqui.

*(O Rival passa a navalha no rosto do Dono da Barbearia.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Eu sempre soube que o meu sobrinho era um imprestável e que ele nunca ia conseguir fazer nada pra tirar a barbearia do buraco.

*(O Rival passa a navalha no rosto do Dono da Barbearia.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Eu sempre soube que o meu pai e o meu avô bebiam muito, que eles não tinham limite, que eram dois beberrões, borrachos, pingüços...

*(O Rival passa a navalha no rosto do Dono da Barbearia.)*

**DONO DA BARBEARIA** - E eu tenho muito orgulho de não ter saído igual a eles. *(Vira o rosto pro Rival.)* Mas agora eu cansei de saber. Não quero saber mais nada. Tu me entendeu?

**RIVAL** - E eu ao contrário cheguei num ponto que eu não posso mais esconder uma coisa muito importante que eu tenho pra contar.

**DONO DA BARBEARIA** - É difícil uma amizade durar tanto tempo como a nossa. Normalmente as pessoas acabam tomando rumos diferentes e se afastam umas das outras. Tu vê, eu me afastei da minha mulher, do meu filho, do meu sobrinho, de todos. Só restou tu. O meu amigo. Aquele que eu ajudei tantas vezes, quando tava na pior. Quando não tinha nada pra comer e eu roubava da despensa do meu pai, porque tu era persona non grata lá em casa. Aquele que eu escondi quando a polícia queria o couro. Aquele que falava de marxismo e de revolução com o filho do barbeiro. Tantas histórias, tanta coisa pra lembrar.

*(O Rival limpa a espuma do rosto do Dono da Barbearia e começa a escanhoar o rosto do Dono da Barbearia apenas com a navalha sem limpá-la na água.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Ela ainda tá lá? deve estar. Hoje é o primeiro dia de carnaval. Sábado. Bastante movimentado pruma puta deve ser o carnaval.

*(O Dono da Barbearia estremece na cadeira cada vez que o Rival escanhoa a sua face. A luz vai diminuindo cada vez mais.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Todo mundo se divertindo. Cada um com a sua mulher.

*(Pausa.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Será que ela ainda tá lá?

*(Pausa.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Aquela hora que eu te perguntei o que é que tu tinha feito, eu na verdade não quero saber. Tu é meu amigo. O único. O que tu fizer, eu assino embaixo. Se eu não for confiar em ti, em quem mais eu posso confiar?

*(Pausa. Penumbra quase completa.)*

**DONO DA BARBEARIA** - Só um último pedido. (*Estremece.*) Sabe o retrato? Risca os olhos do retrato pra mim. Assim eu sei (*estremece*) que ela nunca mais vai conseguir olhar pra mim.

(*Pausa.*)

## **EPÍLOGO**

*Um homem nos seus vinte e cinco anos, mulato, sentado em algum lugar no meio do nada bebendo cerveja. Depois de um tempo com o olhar perdido na mesa, ele encara diferentes pessoas do público enquanto fala.*

**SOBRINHO** - Voltei. É, não deu muito certo a história da barbearia. Eu juro que tentei me esforçar: chegava cedinho, engolia sapo, tinha que aguentar sermão do meu tio, neguinho me roubando cliente descarado na minha cara, e depois até acabou sobrando pra mim. Mas tudo bem, vai ter volta. Vocês vão ver. Eu acabei me perdendo feio na jogada e... deu no que deu. Bah, cara. A vergonha foi muito grande. Quando eu acordei abraçado naquela pinta, ih, saí correndo pro banheiro, tentei vomitar e não saía nada. Me desesperei. Melhor. Limpei meu nome. A minha raça. Bah, meu abuelo e o pai dele iam ficar orgulhosos de mim. porque não é qualquer um que ia ter a coragem que eu tive. (*Bebe um gole de cerveja.*) Quando eu passo ali em frente hoje chega a dar dó. Aquele monte de tábuas podre pregada na porta, a placa de aluga-se até já foi roubada. E é só olhar pro outro lado da rua que a gente enxerga aquele lugar cada vez mais colorido. E aquele infeliz, o culpado por eu tá aqui então tá realizado. No meio daquela gente dele. (*Em voz baixa.*) Eu não posso falar muito mal dele porque sabe como é que é, ele é de religião, e foi por causa desta história de religião que eu acabei amolecendo e o resto vocês já sabem. Ai, ai. Mas é isso aí. Fazer o quê? Não dá pra todo mundo se dar bem na vida, né? Eu prefiro ficar aqui quieto no meu canto antes de voltar. Aqui não tem compromissos familiares nem profissionais pra perturbar o cara. Fico só na ceva. A escória fica só na ceva. (*Bebe longamente mais um gole.*) E aquela história do nome que eu tinha inventado no começo desta peça, vocês deixem pra lá. Se a barbearia não deu certo, é porque o nome não ia dar também. É uma pena, porque tinha tudo pra dar certo. Eu juro que não sei em que momento em que a coisa começou a decair...enfim. Fazer o quê? (*Espreguiça-se.*) Bom, eu vou dar uma voltinha por aqui, pra ver se tem alguma coisa de interessante pra se fazer. (*Pega a garrafa de cerveja na mão.*) Até mais! (*Sai.*)

**FIM**